O AUTISTA NA SALA DE AULA DE LÍNGUA INGLESA: UM DILEMA OU UM MUNDO DE OPORTUNIDADES?

Eduardo Pimentel da Rocha[1]

Juliana Reichert Assunção Tonelli[2]

RESUMO: O presente estudo é uma pesquisa em andamento[3] que objetiva investigar o ensino de língua inglesa (doravante LI) para alunos autistas regularmente matriculados na educação básica de uma escola da rede estadual de ensino da cidade de Londrina. A motivação para o estudo surgiu da realidade vivenciada atualmente acerca do processo de inclusão que coloca um número cada vez maior de profissionais ligados ao ensino, neste caso professores de LI, frente a este "novo" contexto em sua sala de aula. Sendo assim, neste artigo, apresentaremos uma definição sobre o autismo, seus graus e suas implicações para o indivíduo, no âmbito social e em sua aprendizagem. Também traremos o relato de uma profissional ligada ao ensino, suas experiências com esta síndrome e sua visão sobre a inclusão do aluno autista no contexto regular de ensino-aprendizagem, incluindo as aulas de LI.

PALAVRAS-CHAVE: autismo; inclusão; ensino de inglês;

INTRODUÇÃO

Conforme defendemos em Tonelli (2012) o ensino-aprendizagem de línguas estrangeiras (LEs) e, mais especificamente o de LI[4], vem cada vez mais assumindo lugar de destaque nas práticas educacionais no contexto de ensino brasileiro. Uma das justificativas para o fortalecimento desse quadro repousa no fato de que o poder econômico e a tecnologia cada vez mais acessível fazem dessa língua um instrumento

---

[1] Aluno do 4º ano do curso de Letras Estrangeiras Modernas – Habilitação em Língua e Cultura Inglesa da Universidade Estadual de Londrina. **Contato:** edu_pimentel@yahoo.com.br

[2] Docente do Departamento de Línguas Estrangeiras Modernas, UEL. **Contato**: teacherjuliana@uol.com.br

[3] Este artigo é resultado das primeiras reflexões do primeiro autor durante o estágio obrigatório do 4º ano do curso de Letras-Língua Inglesa da UEL em andamento lecionando Inglês a alunos austistas/asperger, sob a orientação da Prof[a] Dr[a] Juliana Reichert Assunção Tonelli.

[4]Adotamos a noção de ensino-aprendizagem da língua inglesa como processo de ensino- aprendizagem formal na escola.

fundamental para a participação social em nível global (GIMENEZ, 2005; GRADDOL, 2006; RAJAGOPALAN, 2005, dentre outros). Moita Lopes (2005) adverte para o fato de que a aprendizagem da LI se transformou em um dos instrumentos centrais da educação contemporânea e que o acesso a essa língua possui também uma função de ampliação de oportunidades sociais. Para Rajagopalan,

> O importante é, contudo, não esquecer que, em última análise, os nossos alunos precisam adquirir domínio da língua inglesa para o seu próprio bem e para se tornarem mais aptos a enfrentar os novos caminhos que o mundo coloca no seu caminho (RAJAGOPALAN, 2005, p. 45).

Conforme aponta Moita Lopes (2005), o ensino de LEs tem sido atualmente apontado como uma forma de inclusão social, o que, naturalmente, nos expõe aos mais diferentes tipos de aprendizes (SCHNEIDER; CROMBIE, 2003; NIJAKOWSKA, 2010). Tonelli (2012, p. 21) corrobora o pensamento daquele autor e enfatiza que “Nesse contexto, profissionais da área de ensino de línguas se deparam com alguns desafios, dentre os quais, ensinar LEs para alunos com dificuldades de aprendizagem”.

De acordo com as Diretrizes Curriculares para os Cursos de Letras[5], é preciso levar “em consideração os desafios da educação superior diante das intensas transformações que têm ocorrido na sociedade contemporânea, no mercado de trabalho e nas condições de exercício profissional” (BRASIL, 2001, p. 29).

O mesmo documento ressalta também que a Universidade não deve ser “vista apenas como produtora e detentora do conhecimento e do saber, mas, também, como instância voltada para atender às necessidades educativas e tecnológicas da sociedade”. (BRASIL, 2001, p. 29)

Assumindo este documento como norteador da formação dos profissionais do curso de Letras, entendemos ser preciso considerar todos estes aspectos na formação inicial de professores de LI, para que estes estejam aptos a enfrentar os desafios de sua prática profissional. Este trabalho busca especificamente tratar de algumas questões

[5] Parecer CNE/CES nº 492, de 3 de abril de 2001.

sobre a atuação do professor de LI em salas de aula com alunos autistas. Por isto, na próxima seção, trazemos uma breve descrição sobre esta síndrome.

O QUE É O AUTISMO?

O autismo, um transtorno global do desenvolvimento, é caracterizado por ser uma desordem neurológica que priva o indivíduo de seu desenvolvimento social pleno. Tal desordem é representada por um espectro, que pode variar em graus de intensidade. Estes vão do leve ao severo, caracterizando assim o espectro de desordem autista (ASD)[6].

O autista, independentemente de seu grau, está sempre vinculado a um déficit em seu convivo social. Isto ocorre, pois, parece haver uma falha nos circuitos neurais responsáveis pela interação entre pares, reconhecimento e entendimento de sinais sociais e também naqueles encarregados pelo reconhecimento e pela representação da face humana em seu cérebro, entre outros. Neste sentido, como citado por Saitovitch et. al. (2012, p.2) "graças ao desenvolvimento dos estudos de leitura de imagens do cérebro, nós estamos tendo uma melhor percepção sobre os circuitos neurais envolvidos no autismo"[7].

Saitovitch et. al. (2012) apontam processos fundamentais para o desenvolvimento do indivíduo. Nas palavras dos autores:

> Tais estudos mostraram também que já é possível ter-se um melhor entendimento sobre os circuitos neurais envolvidos em uma interação humana normal, revelando regiões cerebrais responsáveis pela percepção social e também conexões correlacionadas á Teoria da Mente[8] (ToM) (SAITOVITCH, 2012, p.2).

---

[6] Em inglês autism spectrum disorder.(ASD)

[7] Em inglês "Thanks to brain images studies, we are getting a better idea of the neural circuits involved in autism" (tradução nossa)

[8] O termo "teoria da mente" foi proposto inicialmente pelos primatologistas Premack e Wooddruff em 1978, para designarem o fato de os chimpanzés serem capazes de inferir os estados mentais dos seus com-específicos. Mais tarde esta designação foi utilizada pelos psicólogos infantis para descreverem o desenvolvimento ontogenético das perspectivas mentais assumidas pelas crianças e jovens e também pelos psicopatologistas a partir dos quais o conceito de alteração da teoria da mente foi muito utilizado para explicar os sintomas das crianças com quadros autísticos, tendo mesmo sido estendido a quadros psiquiátricos nos adultos com sintomas psicóticos – como, p. ex., a esquizofrenia – e desvios comportamentais de perturbações que afetem o lobo frontal, como a psicopatia e a demência fronto-temporal. A teoria da mente (TdM) é definida, em psicologia, como a capacidade para imputar estados

Porém, podemos elencar outras especificidades relacionadas ao autismo como: déficit na comunicação verbal e não verbal, comportamentos compulsivos, estabelecimento de rotinas, pouco ou nenhum contato visual, superdotação, compulsividade por determinado tópico, nestes dois últimos casos quando vinculado á síndrome de Asperger[9], espectro mais brando do autismo, entre outras.

Devido ao seu déficit social, o autismo é uma desordem que inibe o indivíduo, entre outras questões, do pleno desenvolvimento de seu Self. Corroboramos tal afirmação através do pensamento de G.H. Mead[10] (1934), filósofo americano e teórico social, que propõe que o self surge através do que ele chama de desempenhar de papéis.

Segundo ele, o eu e a mente surgem a partir das interações sociais através do desempenho de papéis e para ilustrar tal teoria, este autor traz o exemplo de uma criança que adota a atitude ou o papel do outro na brincadeira e no jogo.

A brincadeira e o jogo representam dois estágios de desenvolvimento do self. Na brincadeira, a criança adota os papéis particulares de pessoas significativas, como os pais e amiguinhos. Quando uma criança brinca, ela adota uma simples sucessão de papéis. Desempenha um papel agora, outro depois, e o bom desempenho em qualquer papel é independente dos resultados (bons ou ruins) de seu desempenho em quaisquer dos papéis precedentes. (apud ABIB, 2005, p. 2, grifo do autor)

---

mentais aos outros e a si próprio. Para maiores detalhes vide TEIXEIRA, J.M. **Teoria da Mente: uma controvérsia**. Saúde Mental, vol. 8, nº 3, p. 7-10 , 2006. Disponível em: http://sigarra.up.pt/fpceup/pt/publs_pesquisa.formview?p_id=27143. Acesso em 08/04/2013
.

[9] A Síndrome de Asperger é um Transtorno Global do Desenvolvimento (TGD), resultante de uma desordem genética, e que apresenta muitas semelhanças com relação ao autismo. Ao contrário do que ocorre no autismo, contudo, crianças com Asperger não apresentam grandes atrasos no desenvolvimento da fala e nem sofrem com comprometimento cognitivo grave. Esses alunos costumam escolher temas de interesse, que podem ser únicos por longos períodos de tempo - quando gostam do tema "dinossauros", por exemplo, falam repetidamente nesse assunto. Habilidades incomuns, como memorização de sequências matemáticas ou de mapas, são bastante presentes em pessoas com essa síndrome.Na infância, essas crianças apresentam déficits no desenvolvimento motor e podem ter dificuldades para segurar o lápis para escrever. Estruturam seu pensamento de forma bastante concreta e não conseguem interpretar metáforas e ironias - o que interfere no processo de comunicação. Além disso, não sabem como usar os movimentos corporais e os gestos na comunicação não-verbal e se apegam a rituais, tendo dificuldades para realizar atividades que fogem à rotina. Disponível em: http://revistaescola.abril.com.br/inclusao/educacao-especial/sindrome-asperger-625099.shtml. Acessado em: 06/04/2012 ás 16:32.

[10] George Hebert Mead, filósofo americano e teórico social, é frequentemente lembrado junto com William James,Charles Sanders Peirce e John Dewey como uma das maiores figuras do pragmatismo clássico Americano Disponível em: http://plato.stanford.edu/entries/mead/. Acessado em 31/03/2013 ás 23:40 (tradução nossa).

No jogo, a adoção de papéis do outro adquire um significado mais importante porque, nesse caso, para que possa ser bem-sucedida no desempenho de seu papel, a criança precisa adotar o papel de todos os participantes da atividade. Neste, o outro se torna complexo e interdependente. (ABIB, 2005, p.2)

O outro, no jogo, configura-se pela constituição de vários outros. Mead chama esse outro de *outro generalizado* (MEAD, 1962 apud ABIB, 2005, p.2, grifo do autor). A partir daí então, a criança poderá experimentar a diversidade de papéis a ser desempenhada através de perspectivas sociais distintas incorporando e lapidando o seu senso de eu perante o grupo.

Portanto, visto que o autismo está diretamente relacionado a um déficit na relação social e na incorporação do outro generalizado - o que prejudica o indivíduo na formação do eu (self), na assimilação de regras sociais e em sua colocação no grupo - precisamos delimitar quais fatores, neurológicos e ou sociais, estariam causando tais limitações e também quais as possíveis intervenções a serem utilizadas em sala de aula, a fim de proporcionar ao nosso aluno o melhor desenvolvimento possível, seja ele cognitivo e/ou social.

O AUTISMO E A APRENDIZAGEM DE LÍNGUA INGLESA

Como destacado nas Diretrizes Curriculares para os Cursos de Letras, é preciso e imprescindível levar em consideração os desafios do ensino superior e a realidade já presente na atual sociedade contemporânea para fazer com que os futuros profissionais desta área estejam cada vez mais aptos a lidar com as variadas e complexas questões relativas à sua prática profissional.

Com o frequente e crescente processo de inclusão de alunos com necessidades educacionais especiais na rede estadual de ensino - o que contribui para um ambiente multifacetado de ensino - passamos a refletir sobre a atual formação dos alunos-professores de LI e também dos demais profissionais envolvidos na formação e educação destes aprendizes, em especial os alunos autistas, no contexto regular de ensino.

Em virtude disso, nesta parte, apresentamos o relato de uma profissional[11], envolvida na formação de alunos com transtornos globais de desenvolvimento matriculados em uma escola estadual na cidade de Londrina, sobre o ensino da LI a alunos autistas portadores da síndrome de Asperger.

As respostas foram obtidas através da aplicação de um questionário contendo quatro perguntas, sendo todas relativas ao ensino da LI para pessoas autistas e a visão que se tem sobre a inclusão destes alunos na sala de aula regular daquela língua.

As perguntas foram:

- **Pergunta 1:** Qual a sua visão sobre o ensino-aprendizagem de uma língua estrangeira? E o da língua inglesa?

- **Pergunta 2:** Em sua prática diária, como você vê o ensino-aprendizagem desta língua em sala de aula?

- **Pergunta 3:** Visto o frequente e crescente processo de inclusão de alunos, principalmente os alunos autistas, na rede estadual de ensino - o que contribui para um ambiente multifacetado de ensino - gostaríamos de saber qual é a sua opinião sobre a inclusão destes alunos na sala de aula regular de língua inglesa e que tipo de dificuldades são encontradas? Ex: com relação ao ensino-aprendizagem, materiais para ensino, infra- estrutura, etc...

- **Pergunta 4:** Em sua opinião, é preciso uma maior conscientização dos professores e equipe pedagógica da escola sobre à síndrome autista e suas especificidades? Justifique sua resposta.

Tais perguntas tinham como objetivo avaliar: 1) a importância do ensino de uma LE e em especial o ensino da língua inglesa 2) como o ensino-aprendizagem desta língua é vista na escola 3) a inclusão de alunos Asperger na sala de LI e as dificuldades encontradas para o ensino 4) e a conscientização sobre as especificidades do autismo, em especial a Síndrome de Asperger, entre os profissionais da escola.

As respostas foram:

- **Resposta para a pergunta 1:** Entendo o ensino de uma língua estrangeira como muito importante, pois oferece a ampliação do conhecimento e visão de outra cultura. Tendo-se em vista a língua inglesa ser de importância e repercussão universal é fundamental o ensino para nossos alunos.

[11] Afim de garantir o anonimato da profissional entrevistada, usamos o codinome Beatriz. Beatriz é psicóloga e trabalha com alunos com Transtornos Globais de Desenvolvimento (TGD).

- **Resposta para a pergunta 2:** No acompanhamento em sala de aula pude observar que quando o trabalho é realizado de forma organizada, estruturada e contextualizada o aproveitamento é muito bom, porém quando feito fragmentado com palavras ou temas soltos, sem a contextualização o(s) aluno(s) encontra(m) dificuldade para compreender, aceitar e até gostar de uma língua que não faz parte de sua vivência.
- **Resposta para a pergunta 3:** Uma das características do aluno autista é o interesse específico em uma determinada área. Quando a Língua Inglesa faz parte desse interesse o aluno aprende com facilidade e prazer. Não fazendo parte da área do interesse pode sim ser mais difícil, encontrar obstáculos para aprendizagem, porém isso é no todo, não apenas com o Inglês.
- **Resposta para a pergunta 4:** Sem dúvida faz-se necessário a conscientização do professor sobre as características da pessoa com necessidades especiais, tendo-se em vista que apenas aceitamos o que entendemos. Porém, essa conscientização implica em conhecimento teórico e também em sensibilidade, pois a compreensão do outro, diferente ou não, passa obrigatoriamente pela capacidade de aceitar as especificidades de cada um.

Como podemos observar nas respostas das perguntas 1 e 2 Beatriz deixa claro que, para ela, o ensino de uma LE é muito importante, pois esta, na sua visão, pode oportunizar a ampliação do conhecimento e a visão de outras culturas para o aluno. Com relação ao ensino da LI, Beatriz leva em consideração o fato de esta ter uma relevância universal. Entretanto, ela salienta que, quando o ensino é feito de forma descontextualizada e fragmentada, este se torna ineficiente aos alunos.

Na resposta da pergunta 3 Beatriz menciona o fato de que quando o aluno Asperger tem interesse pela LI ele pode aprende-la com interesse e com prazer. Porém, quando esta não faz parte do seu campo de interesse tal aprendizagem pode ser mais difícil. Tal percepção chama atenção pelo fato de que o interesse, a motivação e a relevância da disciplina deve ser levado em conta não apenas a alunos portadores de necessidades educacionais especiais. De forma geral, estes são aspectos que devem ser considerados em qualquer contexto de ensino-aprendizagem o que nos leva a concluir que, embora o ensino de LI a alunos portadores de síndromes, como o autismo ou asperger, imponha determinados obstáculos, tal prática não pode ser tomada como “impossível”.

Em resposta à pergunta 4 Beatriz admite o quão necessário e importante é a conscientização dos profissionais envolvidos no ensino de alunos Autistas, pois segundo ela apenas conseguimos aceitar o que entendemos. Ela salienta também que tal conscientização implica em conhecimento teórico e também em sensibilidade. Assim, entendemos que a formação do professor de LI deve contemplar também questões

próprias aos alunos com algum tipo de NEE instrumentalizando-o a atuar também neste contexto.

Após uma breve análise das repostas de Beatriz percebemos que o ensino de LE e especialmente o da LI é considerado, na visão da profissional entrevistada, de fundamental importância para que o aluno, seja ele Autista ou não, tenha acesso a conhecimento e todos os demais benefícios que este aprendizado possa lhe trazer. Vimos também que para que este aprendizado se realize é preciso que o aluno Asperger perceba a relevância deste aprendizado, não se diferenciando dos demais alunos. Outro aspecto relevante é o fato de que, para ela, aulas contextualizadas e estruturadas tem sempre maiores chances de fazer com que os alunos tenham um melhor aproveitamento da aprendizagem.

Portanto, o ensino de LI é de suma importância para o aprendizado e desenvolvimento do aluno autista, pois este implica não apenas na aprendizagem linguística, mas também na inserção deste aluno na sociedade globalizada. O conhecimento e entendimento de variadas culturas além de aprimorar a possibilidade de perceber o outro generalizado presente em nosso meio social possibilitará a este aluno assimilar as distintas perspectivas presentes em nosso meio social ajudando-o a lapidar e construir o seu senso de eu e facilitar cada vez mais a sua inserção na sociedade. Além disso, é preciso uma maior divulgação e conscientização das especificidades do Autismo nos contextos regulares de ensino assim como nos cursos de formação de professores, em especial o de LI.

O AUTISMO E A FORMAÇÃO INICIAL DE PROFESSORES DE INGLÊS

Os princípios que norteiam esta proposta de Diretrizes Curriculares são a flexibilidade na organização do curso de Letras e a consciência da diversidade/heterogeneidade do conhecimento do aluno, tanto no que se refere à sua formação anterior, quanto aos interesses e expectativas em relação ao curso e ao futuro exercício da profissão.

A flexibilização curricular, para responder às novas demandas sociais e aos princípios expostos, é entendida como a possibilidade de: 1) eliminar a rigidez estrutural

do curso; 2) imprimir ritmo e duração ao curso, nos limites adiante estabelecidos; 3) utilizar, de modo mais eficiente, os recursos de formação já existentes nas instituições de ensino superior.

Neste sentido, destacamos a importância dos alunos-professores de LI vivenciarem estes “novos” contextos em sua formação inicial, utilizando o estágio obrigatório como um espaço para uma formação mais ampla e flexível.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Sendo assim, concluímos que o ensino de LI para pessoas autistas, levando em consideração suas particularidades, é imprescindível para o sucesso de seu desenvolvimento social e cognitivo. Além disso, destacamos que é preciso uma maior conscientização sobre as especificidades dessa síndrome nos cursos de formação de alunos-professores de LI, pois, só assim deixaremos de conceber o aluno autista na sala de LI como um dilema e passaremos a vê-lo como um mundo de oportunidades para o crescimento profissional.

REFERÊNCIAS

ABIB, J. A. D. Teoria social e dialógica do sujeito. **Psicologia**: Teoria e Prática, São Paulo, v. 7, n. 1, p. 97-106, 2005. Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=193817415008>. Acesso em: 31 mar. 2013.

______. Ministério da Educação. Resolução CNE/CES 492/2001. Conselho Nacional de Educação. Câmara de Educação Básica. Brasília: **Diário Oficial da União,** Brasília, 9 jul. 2001, Seção 1e, p. 50. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/CES0492.pdf>. Acesso em: 31 mar. 2013.

GIMENEZ, T. (Org.). **Contribuições na área de línguas estrangeiras**. Londrina: Moriá, 2005.

GRADDOL, D. **English Next**. Plymouth: British Council. 2006.

MEAD, G. H. **Mind, self and society**: from the standpoint of a social behaviorism. Chicago: The University of Chicago Press, 1962.

MOITA LOPES, L. P. **Inglês no mundo contemporâneo**: ampliando oportunidades sociais por meio da educação. 2005. Disponível em: <http://cenp.edunet.sp.gov.br/escola_integral/novo/arquivos/Ingles%20no%20mundo%20contemporaneo.doc>. Acesso em: 28 set. 2007.

NIJAKOWSKA, J. **Dyslexia in the foreign language classroom**: second language Acquistion. Bristol: Multilingual Matters, 2010.

RAJAGOPALAN, K. O grande desafio: aprender a dominar a língua inglesa sem ser dominado por ela. In: GIMENEZ, T.; JORDÃO, C.; ANDREOTTI, V. (Org.). **Perspectivas educacionais e o ensino de inglês na escola pública**. Pelotas: EDUCAT, 2005. p. 37-48.

SAITOVITCH, A; BARGIACCHI, A; CHABANE, N; BRUNELLE, F; SAMSON, F; BODDAERT, A; ZILBOVICIUS, M. Social cognition and the superior temporal sulcus: implications in autism. **Revue Neurologique,** Paris, v. 168, n. 10, p. 762-770, Oct. 2012.

SCHNEIDER, E.; CROMBIE, M. **Dyslexia and foreign language learning**. London: David Fulton Publishers, 2003.

TEIXEIRA, J. M. Teoria da mente: uma controvérsia. **Saúde Mental**, **Linda-a-Velha**, v. 8, n. 3, p. 7-10, 2006. Disponível em: <http://sigarra.up.pt/fpceup/pt/publs_pesquisa.formview?p_id=27143>. Acesso em: 8 abr. 2013.

TONELLI, J. R. A. **A “Dislexia” e o ensino-aprendizagem da língua inglesa**. 559 f. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina.